



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS
DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA O TRABALHO
PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Maria Regina Carvalho

Profª Dra. Abigail Malavasi

PRODUTO EDUCACIONAL

SANTOS - 2024

C331 Carvalho, Maria Regina.

Caminhos metodológicos para o trabalho pedagógico com crianças com deficiência visual / Maria Regina Carvalho – Santos, 2024.

51 f.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Abigail Malavasi.

Produto educacional (Mestrado Profissional), Universidade Metropolitana de Santos, Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental, 2024.

1. Deficiência visual. 2. Inclusão escolar. 3. Intervenção metodológica. I Título

CDD:371.9

Vanessa Laurentina Maia

CRB871/97

Bibliotecária Unimes

PRODUTO EDUCACIONAL

Instituição: Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)

Programa: Mestrado Profissional Práticas Docentes no Ensino Fundamental

Nível: Mestrado

Área de conhecimento: Ensino

Área de concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental

Linha de Pesquisa: Inclusão, diversidade e práticas docentes no Ensino Fundamental

Título da dissertação: Metodologias e o Processo Pedagógico para o Desenvolvimento da Aprendizagem de Alunos Deficientes Visuais no Ensino Fundamental de duas Escolas no Município do Guarujá/SP

Autora: Mestranda Maria Regina Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Abigail Malavasi

Tipo de Produto Educacional: Material Didático

Público-alvo: destinado a professores da sala regular, outros profissionais da educação, famílias e demais interessados no tema da inclusão de alunos com deficiência visual.

Descrição: aprendizagem investigativa/reflexiva num contexto de educação crítica e inclusiva do aluno com DV, a partir da fundamentação bibliográfica, realizada durante a pesquisa, com produção, a qual apresentará os vários atendimentos do aluno com DV, em várias situações, matriculados no 1º ano do ensino fundamental de uma escola do município do Guarujá, com apresentação de um conjunto de práticas pedagógicas, desenvolvidas com e para alunos cegos e de baixa visão.

Divulgação: Formato digital.

Link da Unimes:

<https://mestrado-praticas-docentes-no-ensino-fundamental.unimes.br/dissertacoes-e-quadro-de-produtos/>

RESUMO

O Produto Educacional "**Caminhos Metodológicos para o Trabalho Pedagógico com Crianças com Deficiência Visual**" tem como objetivo principal difundir propostas de recursos educativos para fornecer conhecimento, estratégias de mediação e práticas pedagógicas, visando a inclusão escolar de alunos com deficiência visual (DV).

Essa proposta de trabalho se respalda em metodologias ativas que refletem as especificidades sensoriais dessas crianças, como o tato, a audição, olfato e a cinestesia, buscando oportunizar autonomia e participação efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Esse material é direcionado ao 1º ano do ensino fundamental, com base em práticas concretas de alunos cegos e com baixa visão em uma escola do município de Guarujá/SP. Salienta-se também considerar a formação continuada dos docentes para garantir um ambiente escolar receptivo e adequado, possibilitando aos alunos com DV a construção de conhecimentos de forma significativa e interativa.

O Produto inclui projetos pedagógicos, entre outros, como "Fruta no Pé não Vem Descascada", que busca potencializar a percepção tátil e a compreensão de alimentos in natura, e "Sentindo na Pele", que mostra aos alunos videntes a forma correta de conduzir colegas com deficiência visual, promovendo empatia e compreensão das dificuldades de mobilidade. Ademais, o projeto "Descobrimo o Mundo de Antonio" retrata a trajetória de um aluno cego, ressaltando sua autonomia e adaptação escolar. As práticas pedagógicas relatadas estimulam a importância de uma abordagem acolhedora e adequada, garantindo que a inclusão siga além da presença do aluno com DV na escola, promovendo sua integração efetiva no ambiente educacional e social.

Palavras-chave: deficiente visual; inclusão escolar; projetos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1 INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVO GERAL	8
2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES	8
3 BREVE CONCEITO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA	10
3.1 PROJETO: “MEU LIVRO DAS VOGAIS”	10
4 O JOGO DE SOLETRAR.....	14
4.1 PROJETO: “SOLETRANDO”	14
5 Como a criança DV aprende?	18
5.1 PROJETO: “DESCOBRINDO O MUNDO DE ANTONIO”.....	18
6 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA DV	30
6.1 PROJETO: “FAZ DE CONTA”.....	30
7 COMO ABORDAR E CONDUZIR UMA PESSOA COM DV	35
7.1 PROJETO: “SENTINDO NA PELE”	35
7.1.1 BREVE CONCEITO SOBRE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE.....	35
8 CONHECENDO AS FRUTAS	39
8.1 PROJETO: “FRUTA NO PÉ NÃO VEM DESCASCADA”.....	40
9 ENTENDENDO UMA RECEITA.....	42
9.1 PROJETO: “PESOS E MEDIDAS”	42
10 SAIBA MAIS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

APRESENTAÇÃO

Este material é o resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional Práticas Docentes no Ensino Fundamental, intitulada, “**Caminhos Metodológicos para o Trabalho Pedagógico com Crianças com Deficiência Visual**”, que aborda a importância da inclusão de alunos com Deficiência Visual (DV) no contexto escolar e como ela impacta o desenvolvimento desses alunos. A educação inclusiva é essencial para garantir que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de aprendizado, respeitando suas diferenças e necessidades específicas.

A formação continuada de professores e gestores é de suma importância para que esse processo seja enriquecedor. A capacitação dos profissionais da educação permite que eles estejam aptos a gerar novas estratégias e recursos educativos adaptados às necessidades de cada criança, estando, assim, mais preparados para lidar com as diversidades dos alunos com DV, utilizando procedimentos pedagógicos apropriados e criando um ambiente acessível e acolhedor para todos.

Ademais, a inclusão não é só um simples ajuste nas metodologias de ensino. Ela abrange a sensibilização de toda a comunidade escolar (professores, funcionários, alunos e familiares) para possibilitar uma convivência equilibrada e engrandecedora. Também vem facilitar a produção de recursos adaptados, como materiais didáticos em braile, tecnologia assistiva e outros respaldos, fundamentais para o aprendizado dos alunos com deficiência visual.

1 INTRODUÇÃO

Buscando atender a questão que move a pesquisa, apresentamos o material didático **“Caminhos Metodológicos para o Trabalho Pedagógico com Crianças com Deficiência Visual”**, capaz de estimular uma aprendizagem investigativa/reflexiva em um contexto de educação crítica e inclusiva do aluno com DV, a partir da fundamentação bibliográfica, realizada durante a pesquisa, com produção, a qual apresentará os vários atendimentos do aluno com DV, em várias situações, matriculados no 1º ano do ensino fundamental de duas escolas do município do Guarujá, com apresentação de um conjunto de práticas pedagógicas, desenvolvidas com e para alunos cegos e baixa visão.

Conforme Mantoan (2004, p. 06), “Educação Especial, na perspectiva inclusiva, tem papel imprescindível e não pode ser negado, embora dentro dos limites de suas atribuições, sem extrapolar seus espaços de atuação específica”.

Portanto, as escolas precisam se adaptar às necessidades específicas de seus alunos, buscando não apenas a aceitação do aluno com DV no ensino regular, mas sim efetivar a educação especial na perspectiva inclusiva, respondendo a desafios e procurando cada vez mais melhorar a qualidade do ensino.

Certamente, os alunos com DV têm o direito de acesso aos mesmos conteúdos que os demais alunos. O diferencial, na grande maioria das vezes, é a metodologia utilizada pelo professor para que esse aluno consiga atingir os conhecimentos de que necessita para sua aprendizagem.

Desse modo, o que se deve pensar de início é sobre a prática docente, a mudança de postura, buscando o valor do aluno como sujeito da aprendizagem, capaz de pensar, construir, discordar, entre outros.

A inclusão escolar, mais exatamente em um ambiente de sala de aula, deve partir do professor, utilizando estratégias ativas para sua aula, fazendo com que todos os alunos tenham uma participação dinâmica.

Nesse sentido, Bruno (2006, p. 18) afirma que:

[...] a sala de aula inclusiva propõe um novo arranjo pedagógico: diferentes dinâmicas e estratégias de ensino para todos, e complementação, adaptação e suplementação curricular quando necessários. A escola, a sala de aula e as estratégias de ensino é que devem ser modificadas para que o aluno possa se desenvolver e aprender.

Sá, Campos e Silva (2007) entendem que a instrumentalização da prática pedagógica não resulta apenas do domínio de técnicas ou de metodologias. A disponibilidade de serviços de apoio constitui suporte indispensável para professores, alunos e seus familiares. No entanto, o domínio do braille e outras aquisições específicas, por si só, também não asseguram a inclusão escolar bem sucedida.

A cegueira em si não constitui um obstáculo para a aprendizagem, porém a trajetória escolar de muitos estudantes com cegueira pode acabar sendo malsucedida, devido a um conjunto de fatores, como a falta de intervenção precoce, assistência à criança, orientação à família, formação dos professores e, sobretudo, ausência de efetivas políticas públicas (LAPLANE; BATISTA, 2008).

1.1 OBJETIVO GERAL

Estimular uma aprendizagem investigativa/reflexiva e um contexto de educação crítica e inclusiva do aluno com DV, a partir da fundamentação bibliográfica, realizada durante a pesquisa, com produção, que apresentará os vários atendimentos do aluno com DV, em várias situações, matriculados no 1º ano do ensino fundamental de duas escolas do município do Guarujá, com apresentação de um conjunto de práticas pedagógicas, desenvolvidas com e para alunos cegos e baixa visão.

2 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

É primordial conquistar tempos e espaços de formação que possibilitem a prática da reflexão – e a reflexão sobre a prática e os processos coletivos - tendo por princípio a desmistificação da deficiência e as dimensões da ação educativa como concretização de posturas políticas na prática pedagógica.



Capacitação das professoras – aula de braille/soroban
 Imagem: três professoras em curso de capacitação em braille e soroban na SRM. Elas estão posando para a foto, segurando o alfabeto braille em suas mãos, sentadas à mesa.
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

[...] o professor transmissor de conteúdos precisa se tornar um professor formador (CHASSOT, 2014; TREVISAN; MARTINS, 2006).

A formação docente precisa capacitar os professores reflexão acerca de suas ações, pois a capacidade reflexiva é inata e o seu desenvolvimento precisa de favorecimentos, tais como contextos que envolvam liberdade e responsabilidade (ALARCÃO, 2011). Ele deseja que:

[...] os professores sejam seres pensantes, intelectuais, capazes de gerir a sua ação profissional. Queremos também que a escola se questione a si própria, como motor do seu desenvolvimento institucional. Na escola, e nos professores, a constante atitude de reflexão manterá presente a importante questão da função que os professores e a escola desempenham na sociedade e ajudará a equacionar e resolver dilemas e problemas. (ALARCÃO, 2011, p. 89).

Nesse sentido, faz-se urgente um compromisso entre todos os envolvidos de reinventar a escola como espaço de encontro dos diferentes, como espaço de convivências solidárias que, em meio ao complexo, ao diferente e ao desigual consigam construir um mundo onde nenhuma pessoa seja excluída.

A inclusão de todos não é um mito. É uma evidência. É uma necessidade vital à organização das sociedades. É uma urgência incontornável para a escola, cujo adiamento só nos atrasa e empobrece. E tenhamos a lucidez e o discernimento para compreender que, face à enorme crise social que se adivinha, esta cultura inclusiva, esta cultura cooperativa, é uma cultura de sobrevivência. A sua negação representa um pacto perigoso com todas as barbáries" (PEÇAS, 2003, p.139).

3 BREVE CONCEITO SOBRE A LEITURA E A ESCRITA

O aprendizado do sistema braile, assim como a alfabetização, apresentam a mesma estrutura encontrada na sequência de aprendizado de letras e ensino de palavras, de acordo com a combinação silábica (MARUCH; STEINLE, 2009). Para que o cego aprenda a ler e escrever, precisa compreender o funcionamento do sistema de notação alfabética, como é exigido também de todos os videntes. Segundo Galvão e Leal (2005, p. 33), “para dominar um sistema notacional, o indivíduo precisa desenvolver representações adequadas sobre como ele funciona, isto é, sobre suas propriedades”. Os autores argumentam que, individualmente, para uma pessoa cega “aprender a ler e a escrever pela primeira vez em braile implica compreender o funcionamento dos sistemas de notação alfabética e numérica decimal, como é exigido para todos os seus pares videntes” (2005, p. 32). Porém, diferentemente do aluno vidente, que reconhece visualmente as letras do alfabeto, os símbolos de pontuação, a acentuação etc., o aluno cego deve reconhecer todos esses elementos pelo tato. Dessa forma, ele precisa ampliar sua discriminação tátil com o objetivo de favorecer a percepção de detalhes da escrita braile. Ao propiciar ao cego a evolução da escrita braile, cria-se a possibilidade de acesso ao conhecimento, “abrindo-lhes horizontes novos, tanto na ordem social, moral, bem como na espiritual” (MARUCH; STEINLE, 2009, p. 8).

Diante desse contexto, no ano de 2022, foi desenvolvido o Projeto “**Meu livro das vogais**” pela professora do 1º ano do ensino fundamental da sala regular, Adélia, cujo objetivo era iniciar o processo de escrita e leitura. Como havia duas alunas cegas nessa sala de aula, esse projeto foi adaptado pela professora da EEDV Maria Regina Carvalho para que elas também participassem do projeto juntamente com a sua turma.

Todos os projetos aqui apresentados foram desenvolvidos com estudantes DVs do 1º ano do ensino fundamental em duas escolas do município do Guarujá.

3.1 PROJETO: “MEU LIVRO DAS VOGAIS”

E.M. Profa. Myriam Terezinha Wichrowski Millbourn

Alunas: Renata (cega) e Salma (cega/autista) (nomes fictícios)

1º ano Ensino Fundamental

Profa. Sala Regular: Adélia (nome fictício)

Ano: 2022

É através das vogais que se começa o processo da descoberta da escrita e da leitura. Nessa aula iniciou-se a confecção de um livro feito pelos próprios alunos, onde eles escreveram as vogais e palavras que comesçassem com cada uma dessas letras. O livro também apresentava capa e aba. Nessa última, os autores(as) colocavam suas fotos e faziam um pequeno comentário sobre seus perfis.

Aprenderam a pronunciar e reconhecer as vogais durante um aprendizado lúdico e agradável. E assim nasceu o projeto **“Meu livro das Vogais”**.

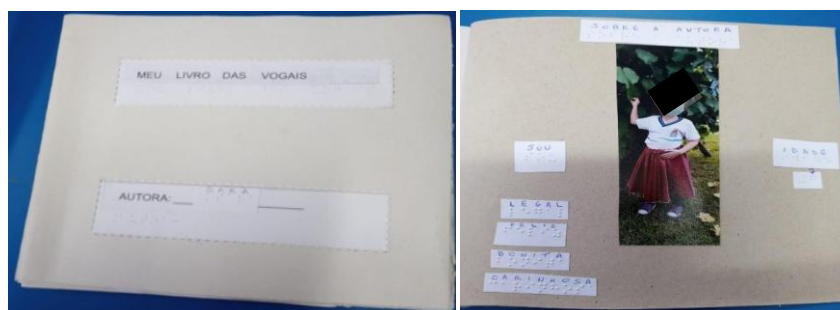
“Eu entendo a prática pedagógica a partir da necessidade da turma. As alunas Salma e Renata estiveram no foco das aulas e atividades por meio dos seus relatos, suas dúvidas, a forma como entendiam e compreendiam cada temática.

Com o apoio imprescindível da professora Maria Regina, da EEDV, pudemos vivenciar trocas entre as crianças, o respeito às necessidades do outro, acolhimento, a magia do brincar despertando a imaginação e a criatividade.

Ao longo do ano foi nítida a evolução dessas alunas por meio do vocabulário, desenvolvimento da autonomia, o despertar do lúdico num universo de partilha (deficiente e não deficiente), o desejo em aprender e de estar e gostar da escola.”

Profª Adélia

Sala Regular



Livro da aluna cega (capa e aba) - Salma

Imagem: um livro aberto, escrito em braile e transcrito à tinta, foto de uma menina com fantasia de princesa.

Capa: Meu livro das vogais

Aba: Sobre a autora: sou legal, feliz, bonita e carinhosa. Idade: 7 anos.

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.



Imagem: páginas do livro com as vogais em braile e à tinta e figuras em EVA correspondendo a letra inicial do objeto a vogal: árvore, escova, igreja, óculos e uva. Aluna Salma. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

Os livros das alunas DVs foram confeccionados em braile e as figuras foram todas feitas em alto-relevo, utilizando E.V.A., *glitter*, algodão entre outros materiais, para que elas sentissem o formato das figuras e descobrissem, assim, qual era a figura e escrevessem, a seguir, em braile, uma palavra que iniciasse com cada uma dessas vogais.

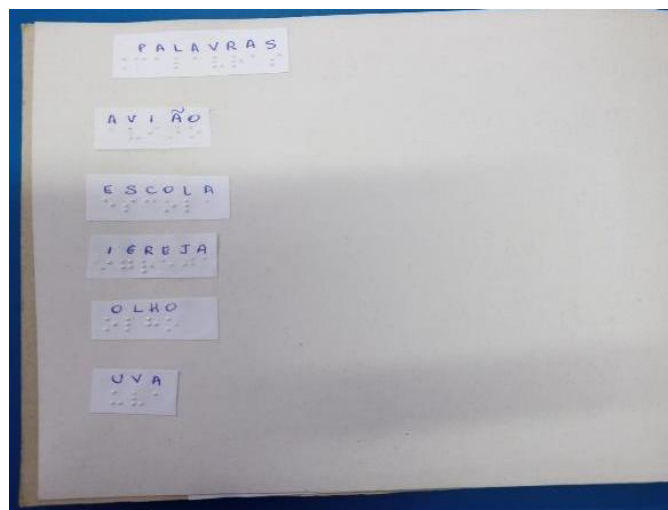


Imagem: palavras iniciadas com as vogais, escolhidas pela a aluna Salma. Palavras, avião, escola, igreja, olho, uva. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.



Livro da aluna cega (capa e aba) - Renata

Imagem: um livro aberto, escrito em braile e transcrito à tinta, foto de uma menina com fantasia de princesa.

Capa: Meu livro das vogais

Aba: Sobre a autora: Sou legal, feliz, boazinha, idade: 6 anos

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

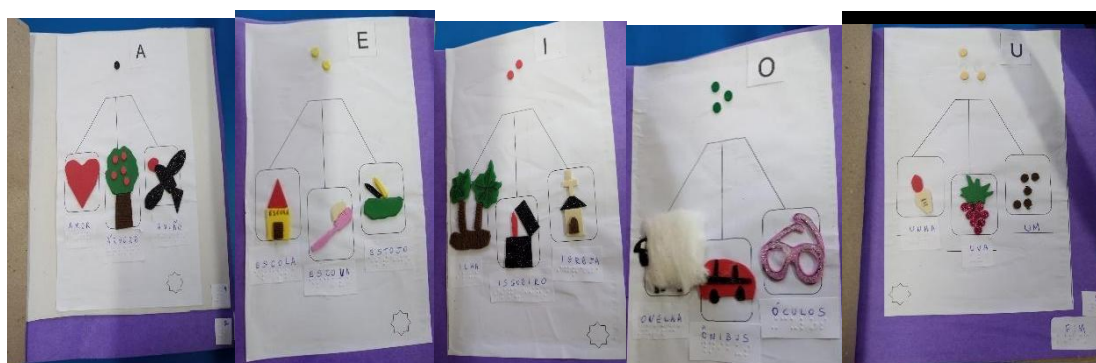


Imagem: páginas de um livro com letras em braile e ampliada (vogais) com figuras em EVA. Aluna Renata.

A: amor, árvore, avião

B: escola, escova, estojo

I: ilha, isqueiro, igreja

O: ovelha, ônibus, óculos

U: unha, uva, um

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

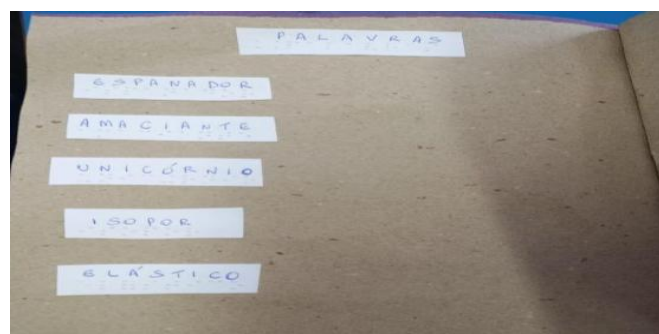


Imagem: palavras iniciadas com as vogais, escolhidas pela a aluna Renata
Palavras: Espanador, amaciante, unicórnio, isopor e elástico.

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

Ao terminar os seus livros, todos os alunos levaram suas pequenas obras para casa. As crianças ficaram orgulhosas por serem os próprios autores, incentivando assim, o gosto pela leitura e pela escrita.

4 O JOGO DE SOLETRAR

Diante de tantas conquistas que as PcDs alcançaram ao longo dos anos e diante de tantos obstáculos impostos a essas pessoas, cada vez mais elas lutam para serem incluídas em todos os setores. Pensando nisso, o Projeto “**Soletrando**” veio provar que a criança com DV pode competir com igualdade de condições com as crianças sem deficiência, mostrando o seu valor, o seu potencial e a sua garra.

4.1 PROJETO: “SOLETRANDO”

E.M. Prof. Antonio Ferreira de Almeida Jr.

Aluno: Antonio (cego/autista) – Nome fictício

1º. ano do ensino fundamental

Ano: 2023

O objetivo do jogo Soletrando é melhorar a ortografia, assim como o vocabulário dos alunos por meio de uma atividade lúdica, sadia e animada.

É importante salientar que a elaboração de um projeto como esse só terá sentido se as atividades realizadas assegurarem aprendizagens consideráveis para o maior número possível de alunos. Por isso, mais do que premiar os melhores, o objetivo central do trabalho é fazer com que todos os alunos prossigam em relação aos seus aprendizados sobre ortografia. Nesse sentido, “precisamos entender que a ortografia é uma convenção social, cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita” (MORAIS, 1998. p.17-25).

Conforme Morais (1998, p. 17):

a escola cobra do aluno que ele escreva certo, mas cria poucas oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua. A escola deve se preocupar menos em avaliar, em verificar o conhecimento ortográfico dos alunos, e investir mais em ensinar, de fato, a ortografia, através de jogos e brincadeiras.

Esse evento teve a participação dos alunos do 4º ano do ensino fundamental e, apesar de o Antonio estar no primeiro ano, e como ama soletrar, passa suas horas de lazer brincando de soletrar com seu avô Carlos. Por essa razão, perguntei aos organizadores do evento sobre a possibilidade de Antonio participar, apesar de ainda estar no primeiro ano.



Imagem: Aluno cego e os alunos participantes, sem deficiência visual do 4º. Ano do ensino fundamental sentados em cadeiras, um ao lado do outro, aguardando o início do Soletrando. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2023

A comissão organizadora questionou se ele conseguiria soletrar as palavras e eu respondi que sim, com toda certeza!

Concordaram e, em seguida, entregaram-me uma lista de palavras para que pudesse treinar com ele. Tirei uma cópia e enviei para casa dele, para que ele treinasse também com a família. Assim, em horários específicos, eu treinava com ele na escola.

“Faço o ‘Soletrando’ há mais de quinze anos no Almeida Jr, sempre fiz com os 4ºs e 5ºs anos. Fazemos uma lista de mais ou menos duzentas palavras e as crianças estudam com suas professoras num período de dois meses. São em média seis a sete salas, com textos que tenham aquelas palavras. No dia combinado, fazem um ‘Soletrando’ na sala e, ao final, saem dois campeões por sala, que irão representar sua sala no ‘Soletrando’ oficial.

Esse ano foi inusitado, pois foi após uma conversa com a professora Maria Regina, que surgiu o interesse e a sugestão de Antonio participar. Eu só tenho que parabenizá-la, porque foi uma experiência inédita para mim. Jamais imaginei que pudéssemos fazer o que fizemos, ou seja, ela selecionou entre as duzentas palavras, algumas para estudar com o Antonio. A professora convidou a mãe do aluno para assistir ao evento e ele foi maravilhoso.

Antonio é desenvolto, queria mais e mais, porém, por conta do tempo, tivemos que abreviar um pouco. Foi uma experiência maravilhosa para ele e para nós, tudo muito novo, pois foi a primeira vez que tivemos um aluno cego e autista na escola. Fiquei encantada.

Soraya (nome fictício)

Orientadora Pedagógica



Imagem: a autora, profa. Maria Regina revisando as palavras em braile antes do evento com o aluno Antonio, que está usando um abafador..Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2023

No dia do evento, Antonio conseguiu soletrar todas as palavras sorteadas para ele. A mãe dele, Janaina, ficou muito orgulhosa, pois um garotinho de apenas sete anos, participando juntamente com alunos de nove, dez anos.



Imagem: Janaina,, mãe de Antonio e a autora, profa. Ma. Regina, ambas atrás dele e abraçando o aluno
Acervo Pessoal da Autora - Ano: 2023

Fiquei muito orgulhosa em ver meu filho do 1º ano competindo com crianças do 4º ano, no mesmo patamar e acertando todas as palavras, foi sensacional. E isso tudo graças a Profa. Ma. Regina que o insere, o apoia, o encoraja, vê nele além. Se hoje ele tem conquistado esse espaço na escola, é graças ao seu trabalho maravilhoso como professora, como apoiadora, como ser humano.

Muito

obrigada.

Mãe de Antonio

Janaina –

Antonio recebeu vários prêmios: doces, revistas, certificado de participação e uma medalha.

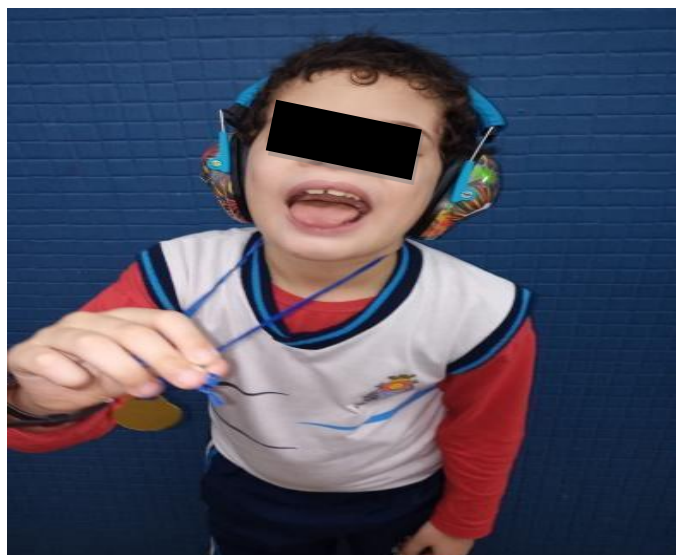


Imagem: Antonio, usando abafador, todo orgulhoso segurando a sua medalha. Acervo Pessoa da Autora
Ano: 2023

5 Como a criança DV aprende?

A aprendizagem da criança com DV apresenta uma dialética diferente, pois o seu conteúdo não é visual, tornando importante o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem o tato, a audição, o olfato e a cinestesia como meios de acesso para a construção do conhecimento, pois é esse sistema sensorial que a pessoa cega utiliza para conhecer o mundo, além de permitir o acesso à leitura e escrita através do sistema braile.

Conforme Gregory (1989, p.92 *apud* Machado et al, 2003, p. 21), “a visão é o único sentido capaz de unificar, estruturar e organizar todas as outras percepções em um todo significativo.”

A criança com DV precisa ser orientada tanto na interação como na sua leitura de mundo, dado ser mais importante aprender com o que é tátil dentro do seu ambiente do que sobre coisas distantes do seu contexto.

Nesse sentido foi criado o Projeto: “**Descobrimo o mundo de Antonio**”, em que apresentamos o dia a dia de um aluno cego congênito, que vence as barreiras que surgem em seu caminho, desde o seu nascimento até os dias atuais.

5.1 PROJETO: “DESCOBRINDO O MUNDO DE ANTONIO”

E. M. Prof. Antonio Ferreira de Almeida Jr

Aluno: Antonio (cego/autista) – Nome fictício

1º ano do Ensino Fundamental

Ano: 2024

O processo de ensino do aluno cego inclui desenvolver o raciocínio, utilizando os outros sentidos: audição e tato; outros métodos de ensino: braile, soroban, orientação e mobilidade, entre outros, para que consiga apreender o mundo em que vive.

A trajetória de Antonio já iniciou com um grande exemplo de superação.

Todo o pré-natal dele foi feito na UPA/Guarujá (Unidade de Pronto Atendimento) e sua mãe, Janaina, atendida sempre por enfermeiras, devido à falta de médicos, à época. No sexto mês de gravidez, iniciaram-se as dores do parto, então procuraram o Hospital Santo Amaro/Guarujá, onde a atenderam e, mesmo sangrando, mandaram-na para casa. Inconformada e com muitas dores, procurou o Hospital Guilherme Álvaro/Santos. Lá, foi acompanhada por um médico que logo a encaminhou à sala de cirurgia.



Imagem: Janaina sentada em uma cadeira no quarto de um hospital, com Antonio recém-nascido nos braços, ele está ligado ao oxigênio. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024.

Antonio nasceu aos seis meses de gestação, com 1,320kg e 28cm e teve de ser reanimado por três vezes. Ficou na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) por cinquenta e quatro dias. Sua visão parecia normal, mas quando teve alta e com o passar do tempo, sua mãe começou a perceber que ele não a olhava e não demonstrava interesse algum. Janaina questionava o médico a respeito daquilo e a resposta era a de que era normal, que iria melhorar. Porém, a melhora não aconteceu e não descobriram que Antonio teve retinopatia da prematuridade que já estava em um estágio avançado e não havia mais a possibilidade de cirurgia.



1ª e 2ª. Imagens: Antonio, com dias após o seu nascimento, ligado ao oxigênio.
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024.

Ele, a princípio, tinha baixa visão, mas devido ao diagnóstico tardio, acabou ficando cego total.



Antonio gosta muito de passear, andar a cavalo e explorar o mundo que o cerca, possui uma curiosidade aguçada e uma vontade muito grande de aprender.

Imagem: 1ª foto, Antonio dentro da piscina apoiado na borda; 2ª foto: Antonio andando a cavalo, 3ª.foto: Antonio e sua mãe Janaina dentro de uma piscina, sentados em um banco em formato de cogumelo no centro da piscina.

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024.

“Eu jamais imaginei que um dia meu filho seria visto quando ele mesmo não vê. Saber que as crianças puderam conhecer um pouco da rotina dele, das dificuldades, dos acessórios que o ajudam, enfim, foi de fato gratificante. Isso sim é incluir o deficiente no meio dos neurotípicos, ensinando o respeito, a solidariedade, a comunhão, a ajuda. Eu, embora tenha algumas dificuldades, procuro sempre fazer com que o Antonio se sinta parte de tudo porque, ele faz parte de fato. Só de uma forma diferente, especial. Fiquei muito feliz!”

Janaina - Mãe de Antonio

As crianças da escola faziam muitas perguntas e questionamentos a respeito de Antonio, como:

- * Por que ele usa um bambolê para andar?
- * Por que ele usa essa máquina para escrever?
- * Por que ele escreve com pontinhos?
- * Por que ele usa esse fone?
- * Por que ele usa o dedo para ler?
- * Ele faz lição?

Então criei o Projeto: “Descobrimdo o Mundo de Antonio”.

Conversei com a diretora Sandra Rosa e ela, prontamente, abraçou a ideia, separou um espaço no mural no pátio da escola onde confeccionei; por fotos, vários momentos escolares do aluno como caminhando pela escola, escrevendo na máquina braile, fazendo lição, na aula de educação física, brincando no recreio, entre outras e, abaixo de cada foto, havia uma frase de autoria dele, explicando, a seu modo, o porquê executava aquela ação daquela maneira.

Assim, as crianças que passassem pelo painel poderiam, ao ler, treinar a leitura e, ao mesmo tempo, descobrir o mundo de Antonio e, desse modo, sanar suas inúmeras dúvidas.

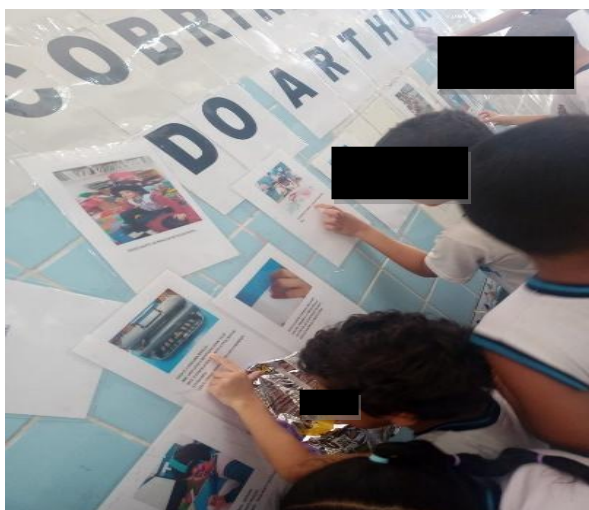


Imagem: Crianças videntes fazendo a leitura das frases nas fotos no mural do Projeto: “Descobrimdo o Mundo de Antonio”. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024.

No dia da reunião de pais, a família dos outros alunos, também, foram procurar saber mais sobre Antonio, figura muito comentada em cada casa e até as crianças surdas da escola estavam lá, com suas intérpretes, as quais explicaram e desvendaram, através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), o mundo de Antonio.

“Através desse projeto pude ver que os alunos, pais de alunos e também alunos surdos paravam para observar as fotos e as informações do mural, demonstrando curiosidade pelas dificuldades e habilidades da pessoa com deficiência visual.

Tive a experiência de, ao me aproximar, enquanto alunos surdos observavam o mural, ser questionada, em LIBRAS, se o Antonio enxergava alguma coisa e eu expliquei que não. Estavam, também, curiosos com as fotos da máquina e escrita braile e de saber como ele se locomovia pela escola, sem enxergar. O projeto não só mostrou parte do dia a dia dele mas também colocou detalhes da vida da pessoa com deficiência visual em evidência.”

Andressa
Inspetora da escola e aluna de
LIBRAS (Expressão do Silêncio)

Nosso mural ficou assim:



Imagem: Antonio com seu abafador
“Olá!! Meu nome é Antonio, sou do 1º ano C...

Sou deficiente visual, cego total...
 Não vejo o mundo como você, mas se você me ajudar,
 consigo 'ver' do meu jeito...
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024.



Imagem: Antonio caminhando pela escola
 com um bambolê que serve como pré bengala adaptada
 "Eu preciso desse 'bambolê' para caminhar...
 Na verdade, o nome é pré-bengala...
 Ela me ajuda a não bater minha cabeça ou meu
 corpo nos obstáculos...
 Quando eu crescer irei usar a bengala...
 Se você quiser, pergunte se eu preciso de ajuda..".
 Acervo Pessoal da Autora – Ano:2024



Imagem: Antonio escrevendo à máquina braile
 na sala regular, está usando o seu abafador.
 "Essa é a máquina braile...
 Não uso lápis e borracha como você...
 Mas, é com ela que escrevo e faço minhas atividades..."

Uso o código braile para ler e escrever...”
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024

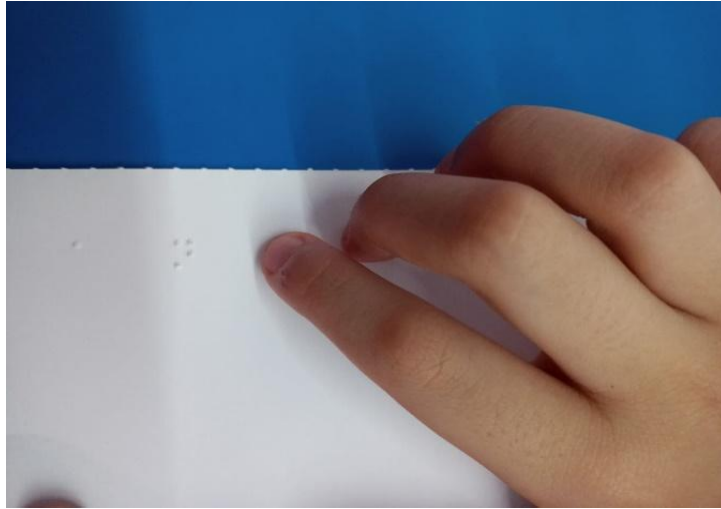


Imagem: dedo indicador de Antonio lendo em braile
“Olha eu lendo as minhas ‘bolinhas’...
Que na verdade é o código braile...
Uso as pontas dos meus dedos...”
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024



Imagem: aluna sem DV lendo um livro
para aluno cego.
Gosto muito quando um amiguinho ou amiguinha lê
histórias para mim...”
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024



1ª. Imagem: profa.de educação física ensinando o aluno cego o exercício utilizando o bambolê.

2ª. imagem: profa. de educação física ensinando o aluno cego o exercício utilizando corda.

Amo as aulas de educação física com a profa. Julia

Ela sempre me inclui nas atividades...”

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024



Imagem: aluno cego sentado no pátio da escola em um tapete quadriculado na aula de educação física.

“Minha deficiência visual não é um problema para mim ou para os meus amiguinhos...”

Acervo Pessoa da Autora – Ano: 2024

“Procurei assegurar que o aluno Antonio estivesse familiarizado com os espaços físicos onde seriam realizadas as propostas pedagógicas.

Elaborei propostas baseadas na interação com os alunos da sala dele e, como Antonio é uma criança curiosa e protagonista de suas ações, foi muito fácil e alegre a sua participação nas aulas.

Trabalhei muito a educação inclusiva ao inverso. Comprei vendas e dei muitas atividades para que todos os alunos vivenciassem a deficiência visual (cegueira) durante as brincadeiras, como momento até de interação e aproximação com a deficiência em questão.

Áreas psicomotoras trabalhadas, assim como esquema corporal, através de dança, coordenação motora: circuitos psicomotores, ritmo: atividade com corda e propriocepção: atividades cinestésicas.”

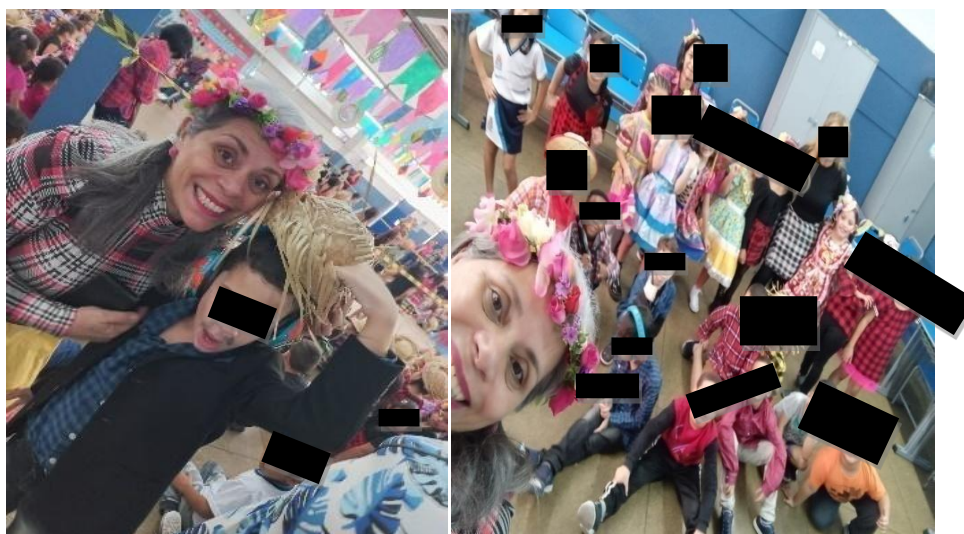
Júlia
Profa. de educação física



Imagem: crianças sem DV e aluno com DV brincando no jardim da escola, profa. Ma. Regina, autora está junto ao aluno cego que está em cima de uma árvore. “Minha deficiência visual não é um problema para mim ou para os meus amiguinhos...”
Acervo Pessoa da Autora – Ano: 2024



1ª. imagem: crianças sem DV e aluno cego junto a um personagem da peça teatral.
 2ª. imagem: ao fundo, personagem da peça teatral abraça duas crianças, uma cega e outra vidente, em primeiro plano, profa. Ma. Regina faz uma self.
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024
 “Teatro Procópio Ferreira/Guarujá.
 Peça: Cinderela Brasileira”. Fiz uma descrição da peça para ele.
 Após o espetáculo Antonio pode ‘ver’ através das suas mãos as roupas dos personagens”.



1ª. Imagem: profa. Ma. Regina, a autora, abraça aluno cego, ambos vestidos com trajes típicos de festa junina.
 2ª. imagem: três professoras e seus alunos sem DV e um com DV, vestidos com trajes típicos de festa junina, posam para foto.
 “Participo de todas as festas da escola...
 Olha eu com a minha turma e minha profª. Maria Regina...
 Ela me ajuda durante as aulas...
 Fica ao meu lado sempre que preciso...
 Com ela aprendo a ler...a escrever...
 A caminhar pela escola...
 A fazer contas...e muitas outras coisas...
 Amo a minha escola!!!
 E sempre falo para ela: profa. eu te amo!!”
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024



Imagem: aluno cego utilizando soroban
 “Estou aprendendo a fazer continhas no soroban... que
 essa tábua com bolinhas...é muito divertido...”
 Acervo Pessoa da Autora – Ano: 2024



Imagem: Antonio, criança cega usando um abafador, ao centro abraçando
 duas crianças videntes, todos sentados no chão do pátio da escola.
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024



1ª. Imagem: crianças pousando para foto em frente a uma lousa digital.
 Algumas sentadas. Em pé, atrás, Antonio abraça um amiguinho vidente.
 2ª. Imagem: Antonio, usando um abafador, brinca com uma amiguinha vidente na sala de aula.
 Acervo Pessoal da Autora – 2024



Imagem: Antonio, usando seu abafador, beija o rosto de uma amiguinha vidente que está deitada em seu colo. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2024

“Que sejamos como as crianças: livres de amarras, julgamentos e preconceitos”.

Maria Regina Carvalho
Profa. da Educação Especial

6 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA DV

Em se tratando de brincar - para a criança DV - é um tema muito discutido no estudo do desenvolvimento humano e a brincadeira do tipo faz de conta caracteriza-se por evidenciar o início do uso de diferentes formas de representação pela criança. A identificação do início da representação é particularmente importante no caso de crianças com deficiência, por ser um indicador de seu desenvolvimento.

O brincar desenvolve a criatividade, a imaginação e a expressão, além de auxiliar na coordenação motora e no desenvolvimento cognitivo das crianças, principalmente nas crianças com DV. Por isso, é importante que os educadores e profissionais da área incentivem a brincadeira, o faz de conta, o imaginário infantil como parte do processo de aprendizagem, visto que, através da brincadeira, a criança aprende regras, compartilha e respeita o espaço e os limites dos outros, aprende a lidar com situações de conflito e a resolver problemas de forma mais tranquila e divertida.

Para Froebel (FROEBEL, 1912 *apud* KISHIMOTO, 1998), o brincar privilegia a liberdade de escolha e ação da criança, "dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo..."

Desse modo, em vista a importância do brincar e visando o incentivo a essa atividade por crianças com DV, foi proposto o Projeto "**Faz de Conta**", cujo objetivo foi descrever modos de brincar por parte de crianças com DV, para identificação de capacidades.

6.1 PROJETO: "FAZ DE CONTA"

E. M. Profa. Myriam Terezinha Wichowski Millbourn

Alunas: Renata (cega) e Salma (cega/autista)

1º ano Ensino Fundamental

Ano: 2022

O "Faz de Conta" envolve um jogo de imaginação. Nesse jogo, as crianças experimentam diferentes situações do dia a dia, organizando pensamentos e utilizando linguagens para demonstrar no que acreditam, experimentam e sentem.

Essa dinâmica é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento infantil, contribuindo na construção social, motora, afetiva e cognitiva.

“O processo de inserção das alunas à dinâmica da turma do 1º ano contou com inúmeras propostas que possibilitasse o desenvolvimento do ciclo pedagógico (alfabetização) com suas adaptações e especificidades da deficiência visual.

A interação entre elas e o grupo com relatos, questionamentos e vivências seguiam o universo lúdico e temático diário das crianças com cantigas, brincadeiras, experiências, vivências, contos e as formas peculiares de ser e estar no mundo.

Dessa forma, algumas ações foram necessárias, culminando em atividades que propiciam tais descobertas: projetos, contos, teatro, musical, fantoches, brinquedos e brincadeiras.

Esse tipo de prática buscou envolver todo o grupo, atendendo ao dever e ao direito de ser criança num espaço escolar que acolhe e respeita a diversidade.”

Profª. Adélia
Sala Regular

A aluna Renata tinha um repertório muito pobre em histórias infantis e Salma carregava algum conhecimento sobre esse assunto, então levei-as à biblioteca e pude constatar o fascínio que os contos de fadas exerciam sobre elas. Como havia feito um curso de corte e costura, confeccionei saias de tule e cetim e, também, adquiri dois arcos do tipo coroa de princesa.

Levei as fantasias, vesti as meninas e coloquei as coroas de princesa e comecei a contar uma história para elas. Sentiram-se as próprias princesas, amaram e, após os contos, elas brincavam de faz de conta, criavam cenas e narrativas, deixavam fluir a imaginação e a falta da visão não foi uma barreira, visto que a interação entre elas não tinha fim. Assim, nossas quartas-feiras eram povoadas de princesas e rainhas, um surpreendente conto de fadas.



1ª. Imagem: aluna Salma – cega, sentada ao chão vestida de princesa.
 2ª. Imagem: aluna Renata – cega, sentada ao chão vestida de princesa.
 Acervo Pessoal da Autora. Ano: 2022

Perguntei qual a história que elas gostariam que eu contasse primeiro. As duas, quase simultaneamente, responderam: “Branca de Neve!!” e assim demos início ao nosso Projeto “Faz de Conta”, que acontecia todas as quartas-feiras, na biblioteca, batizada como “A Sala da Branca de Neve”, já com escolhas prévias de uma história infantil.



Imagem: Alunas cegas do 1º ano do ensino Fundamental lendo uma história em braile, vestidas de princesa. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

Procurava usar materiais que as remetessem, o mais próximo, ao conto, que deixassem marcas e potencializassem suas memórias, como, por exemplo, levava maçãs no conto da “Branca de Neve”, um sapatinho no conto da “Cinderela”, com direito a experimentá-lo. No conto de João e Maria levava uma

lagartixa de borracha, chapéu de bruxa. Só não levava doce pelo fato de Renata ser diabética desde os dois anos de idade e ter uma alimentação bem restrita e rigorosa.



1ª. Imagem: duas alunas cegas do 1º ano do ensino fundamental com fantasias de princesas Brincando de Faz de Conta no jardim da escola.

2ª. Imagem: duas crianças cegas do ensino fundamental com fantasias de vestidas de princesa, pousando para foto.

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

Após o término de cada história, eu sempre pedia para que elas recontassem conforme a interpretação delas. Salma reproduzia na íntegra, já Renata, como era a mais dramática, sempre trazia o seu dia a dia para a história e, por ser diabética, sempre mencionava, em suas reproduções, as idas a hospitais, injeções diárias e até brigas e confusões entre vizinhos. E assim, por esse projeto, conheci mais o dia a dia dessas meninas e elas conheceram várias histórias infantis, além de estimular a imaginação, aumentar o repertório de vocabulário e a criatividade.

Bruno (1992) relata que, em crianças com deficiência visual, o brincar desenvolve-se de um simples exercício para a representação do vivido pelo jogo simbólico. A brincadeira simbólica começa com ações bem simples, vividas pela criança como: dormir, comer, ser mãe e cuidar da filhinha, evoluindo para brincadeiras mais elaboradas do fazer de conta, mas, para que isso ocorra, diz ela, a criança deve ter aprendizagens significativas, atividades funcionais e companheiros para brincar de Faz de Conta.

Para Bruno, o jogo simbólico é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança com DV, porque, por meio dele, ela organiza suas percepções e emoções, exercita seu pensamento pré-lógico, comunica sua compreensão do meio, seus sentimentos, desejos, fantasias e aprende a lidar com suas emoções e afeto.



Brincando com os amiguinhos

1ª. Imagem: crianças fantasiadas brincando sentadas ao chão da sala de aula.

2ª. Imagem: autora abraçada com aluna Renata, essa está usando um arco com orelhas pretas de coelho. Acervo Pessoal da Autora – Ano 2022.



Imagem: criança cega brincando com uma boneca
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

7 COMO ABORDAR E CONDUZIR UMA PESSOA COM DV

Foi elaborado o Projeto “**Sentindo na Pele**”, cujo objetivo foi ensinar aos alunos do primeiro ano do ensino fundamental, onde havia duas alunas cegas inclusas, como conduzir, abordar e ajudar um DV em sua deambulação.

7.1 PROJETO: “SENTINDO NA PELE”

E. M. Profa. Myriam Terezinha Wichrowski Millbourn

Alunas: Renata (cega) e Salma (cega/autista)

1º ano Ensino Fundamental

Aula de Educação Física: Profa. Tânia

Ano: 2022

7.1.1 BREVE CONCEITO SOBRE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

Segundo Felipe (2001), a Orientação e Mobilidade (OM) está presente no dia a dia da sociedade. Portanto, a OM faz parte da rotina tanto de pessoas videntes como pessoas com deficiência visual, pois, no cotidiano, todos precisam ir a algum lugar utilizando referências para se orientar e encontrar o caminho pelo qual deseja ir.

Ainda segundo Felipe (2001, p. 6), a pessoa com DV pode utilizar as seguintes formas para se movimentar:

- com a ajuda de outra pessoa: guia vidente;
- usando seu próprio corpo: autoproteção;
- usando uma bengala: bengala longa;
- usando um animal: cão-guia;
- usando a tecnologia: ajudas eletrônicas.

A OM tem o objetivo de dar ao DV a autonomia necessária na locomoção, desenvolver a autoconfiança, autoestima e independência, facilitando, assim, sua integração social.

O Projeto “Sentindo na Pele” foi elaborado pela autora, com o objetivo de apresentar aos demais alunos sem DV as dificuldades quanto à mobilidade do

aluno com DV, explanando técnicas de como conduzir um aluno DV bem como abordá-lo corretamente, para que possam ajudá-los no seu dia a dia corretamente e levar também esses ensinamentos para a vida.

Conforme Darido e Rangel,

Em se tratando do próprio corpo, numa visão de que ele é autônomo, mas que também depende do outro, deve significar para o aluno que ele não apenas tem um corpo, mas que é um corpo, e que esse corpo se integra ao meio, ou seja, ao ambiente e as pessoas, relacionando-se com o meio físico, social e cultural (DARIDO E RANGEL, 2005, p. 98).

O projeto ajuda a elucidar, previamente, a condução do DV, usando as técnicas de abordagem e obstáculos, assim como atravessar uma rua ou avenida. Posteriormente, os alunos videntes formam pares e um deles é vendado e percorre um caminho com seus pares, usando as técnicas aprendidas e, ao final, os pares são trocados para que todos possam experimentar essa vivência.

Por haver duas alunas cegas inseridas nessa sala de aula e como as demais crianças gostam de ajudá-las na ida e retorno do recreio, nas aulas de educação física e arte, então senti uma inquietação em orientar essas crianças a conduzir, corretamente, essas duas alunas com DV. Foi na aula de educação física que surgiu a oportunidade de colocar em prática o projeto “**Sentindo na Pele**”, após ter explanado tal necessidade à professora dessa disciplina.

Nessa aula, posicionamos os alunos em pares, sendo uma criança da dupla vendada e a outra a guia vidente; com exceção das duas alunas cegas que seriam sempre guiadas.



Praticando: Guia Humano - Projeto: "Sentindo na Pele."
Imagem: Crianças enfileiradas uma atrás da outra vendadas com braços dados com crianças sem vendas.
Acervo Pessoal da Autora, ano: 2022.

Após foram dadas as orientações de como conduzir uma pessoa DV:

- a) quanto à abordagem;
- b) como atravessar uma rua;
- c) como pedir uma informação.

As crianças na posição de pessoas cegas foram vendadas e posicionadas aos pares.

Seguiam em dupla até o final do pátio e lá, passavam a venda para o seu par e voltavam. Já no pátio, simulamos situações onde a criança vendada precisava atravessar uma rua, pedir informações a quem estivesse passando, ou abordar alguém para fazer uma pergunta. Dessa maneira, todos tiveram a oportunidade de "Sentir na Pele" como um DV locomove-se e, assim, perceber, também, algumas das dificuldades durante a locomoção.

"Saber guiar os alunos cegos é de suma importância para uma locomoção mais segura, seja no pátio, nas aulas de educação física ou até mesmo no recreio. Por isso esse projeto foi essencial aqui na escola."

Tânia
Profa. de educação física



- 1ª. Imagem: crianças aos pares, espalhadas pelo pátio da escola.
 2ª. Imagem: crianças enfileiradas com seus pares, uma criança vendada e outra não.
 Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022

É de suma importância a conscientização de um maior número de pessoas sobre como abordar, guiar, interagir para que conheçam os procedimentos mais adequados de auxílio e de apoio, contribuindo, assim, para a criação de hábitos saudáveis, apropriados ao convívio com pessoas com DV.

A escola, a família, a comunidade, todos podem participar desse processo de transformação, colaborando para que a pessoa com DV adquira independência e autonomia de acordo com suas potencialidades e limitações.

➤ Você sabia?

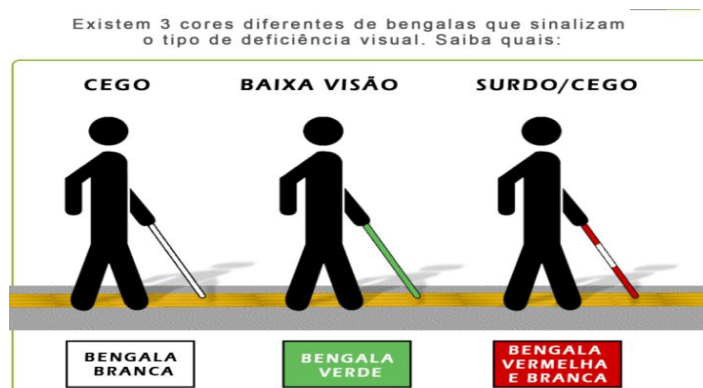


Imagem: três bonecos usando bengala. O 1º. é cego, sua bengala é da cor branca. O 2º. é baixa visão, sua bengala é da cor verde. O 3º é surdocego, sua bengala é das cores vermelho e branco.

Fonte: <https://www.tasstartup.com.br/blogs/blog/qual-diferenca-entre-as-cores-da-bengala>

8 CONHECENDO AS FRUTAS

Os materiais manipuláveis são de suma importância para o aprendizado do DV, mas o que seriam materiais manipuláveis? São os objetos reais que o aluno é capaz de tocar, cheirar, sentir, manipular e movimentar. Objetos que representam uma ideia que venha dar forma a algo que ele já conheça, mas não havia tocado antes, como, por exemplo, as frutas que já vêm picadas no prato. Ele conhece o sabor, o aroma, mas não conhece sua forma inicial, quando é tirada do pé, comprada na feira ou supermercado. Muitas crianças com cegueira não têm a oportunidade de conhecer a fruta na sua forma original.

Na atividade com os objetos manipuláveis, o DV constrói uma ideia concreta, total e ampliada para que não seja mais uma ideia abstrata e sim real. São agregados aos objetos manipuláveis a capacidade de tornar significativa uma situação de aprendizagem. Assim, os materiais manipuláveis asseguram que os conceitos sejam compreendidos, apreendidos, ou seja, trata-se de uma aprendizagem real, mantendo os alunos em movimento, envolvendo-os, ajuntando e adequando aos diferentes níveis de aprendizagem, chegando à resolução de problemas.

Portanto, os materiais manipuláveis/concretos, quando utilizados de forma adequada, proporcionam uma aprendizagem expressiva, em que o aluno participa, refletindo, reinventando e redescobrimdo o saber histórico-sócio culturalmente produzido. Como mediador desse processo está o professor, com metodologias e planejamentos adequados, criando um ambiente rico em experiências construtoras do conhecimento.

Segundo BARBOSA (2011, p.19):

Buscar os recursos mais adequados para trabalhar com alunos portadores de deficiência visual é tarefa que exige do professor enxergar além da deficiência, lembrando que há peculiaridades no desenvolvimento de todas as crianças, tendo elas deficiência ou não. A criatividade foi e continua sendo um elemento indispensável para o homem superar problemas e desafios gerados pelo seu ambiente físico e social. É encarada como uma construção do indivíduo em suas interações com as propriedades do objeto.

Assim, a fim de refletir sobre essa problemática, foi criado o Projeto “**Fruta no pé não vem descascada**”, com o propósito de que as crianças com DV pudessem manipular várias frutas de sua preferência e conhecer, assim, a forma e saber sua origem.

8.1 PROJETO: “FRUTA NO PÉ NÃO VEM DESCASCADA”

E.M. Profa. Myriam Terezinha Wichowski Millbourn

Alunas: Renata (cega) e Salma (cega/autista)

1º ano ensino fundamental

Ano: 2021

O objetivo desse projeto é trabalhar a alimentação saudável, desenvolver o hábito de comer frutas, além de incentivar o reconhecimento de diferentes tipos de frutas *in natura* pela criança com DV.

A maioria das coisas que existem no mundo em que vivemos foi pensada somente em quem não tem deficiência. O cuidado em integrar a PcD cabe às pessoas que o cercam. O momento da aprendizagem vai além das paredes de uma sala de aula. Nesse sentido, enquanto escola, precisamos proporcionar o contato da criança DV com o mundo ao seu redor.

A deficiência visual não pode ser vista como “desvantagem”, é preciso estimular as potencialidades que existem em cada criança com DV, ela precisa vivenciar todos os momentos para que construa sua autonomia e independência.

Uma criança com DV bem estimulada desde os seus primeiros anos de vida e durante a sua infância, tem condições de ser um adulto autônomo, independente e capaz de estudar, trabalhar e formar uma família. A criança com DV deve ser estimulada constantemente, deve ser capaz de interagir com o ambiente a sua volta, criar hábitos de higiene, alimentares, fazer com que tenha iniciativa para explorar o ambiente e conhecer as formas, texturas, tamanho dos objetos, alimentos entre outros.

Como Lima nos diz,

A autonomia da criança é estimulada se permitimos a ela tomar a iniciativa de realizar determinadas coisas em situações específicas, se permitimos que ela própria fosse realizando, na medida em que já tem condições, esta ou aquela atividade, como os hábitos de higiene, pegar

e guardar materiais, propor brincadeiras a seus amiguinhos, estaremos estimulando esta autonomia se escutarmos atentamente as propostas que a criança tem para resolver situações problema do seu cotidiano (...) (LIMA, 2006,p. 205).

A apresentação das frutas com as suas cascas às crianças cegas é de fundamental importância, para que, desse modo, tenham a nítida noção de como as frutas são, pois como elas não enxergam e como as frutas já chegam descascadas e cortadas à mesa, elas deixam de vivenciar esse momento.

Esse projeto faz com que as alunas cegas tenham a percepção do formato, textura, aroma e sabor das frutas, entendendo que estas, primeiramente, nascem em árvores, depois são colhidas e levadas aos supermercados para, então, serem vendidas e irem às mesas.



1ª. Imagem: duas alunas cegas sentindo a forma e o aroma das frutas.

2ª. Imagem: uma aluna cega com a autora conhecendo a forma do mamão.

Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2021



Imagem: duas alunas cegas sentadas à mesa , uma de cada lado da autora no pátio da escola, uma sente a forma de uma penca de bananas e a outra do mamão. Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2021

Elas ficaram encantadas ao saber que a banana não nascia sem casca e em rodela. Foi um momento enriquecedor. Contamos com a participação das

“tias” responsáveis pela merenda, que nos cedeu as frutas para que Salma e Renata pudessem fazer o reconhecimento.

Esse projeto teve a duração de uma semana, pois, a cada dia, chegava um tipo de fruta diferente, como, por exemplo: banana, mamão, maçã, goiaba, abacaxi e pera.

9 ENTENDENDO UMA RECEITA

A importância do tato para o conhecimento do mundo, para as pessoas com DV, é tão significativa quanto a visão é importante para o conhecimento do mundo para as pessoas videntes, ou seja, as pessoas que enxergam.

Existem diferenças entre a receptividade de informações pelo tato e pela visão. A visão processa as informações muito mais rapidamente, já com o tato processa num ritmo mais lento e sequencial.

Para Ochaíta e Rosa (1995, p. 185), quando um deficiente visual explora com as mãos um objeto estranho para reconhecê-lo, acontece algo semelhante quando um vidente observa uma forma desconhecida e complexa para depois desenhá-la. “As mãos, como os olhos, embora de forma mais lenta e sucessiva, movem-se de forma intencional para buscar as peculiaridades da forma e poder, assim, obter uma imagem dela”.

Ainda Ochaíta e Rosa (1995, p. 185).

[...] enquanto o tato somente pode explorar as superfícies situadas no ambiente que os braços alcançam, não servindo para conhecer espaços distantes, a visão é o sentido útil por excelência para perceber objetos e sua posição espacial a grandes distâncias.

Essas desigualdades não devem ser observadas de maneira quantitativa, mas sim de forma qualitativa. As pessoas com DV têm a mesma habilidade que as videntes de conhecer o mundo, entretanto, os sistemas mediadores aplicados para tal conhecimento são diferentes.

Diante disso, foi criado o Projeto Pesos e Medidas para que as crianças com ou sem deficiência pudessem executar uma receita sugerida por elas.

9.1 PROJETO: “PESOS E MEDIDAS”

E.M. Profa. Myriam Terezinha Wichowski Millbourn

Alunas: Renata (cega) e Salma (cega/autista)

1º ano ensino fundamental

Profa. Sala Regular: Adélia

Ano: 2022

O objetivo dessa aula, utilizando vários ingredientes e interação na cozinha experimental da escola, é introduzir os conceitos de capacidade e massa como unidades de medidas.

Nessa atividade foi preparada uma receita de:

Panqueca Americana Doce

Receita:

1 xícara de farinha de trigo

1 ovo

180 ml de leite

2 colheres (sopa) de açúcar

2 colheres (chá) de fermento

1 pitada de sal

1 colher (chá) de óleo

1 colher (chá) de baunilha

Modo de fazer:

Misturar todos os ingredientes aos poucos até obter uma textura cremosa. Fritar as panquecas na frigideira, uma a uma. Recheio a gosto. Mel para cobertura.



Imagem: a autora está fritando a massa das panquecas americanas com os alunos na cozinha da escola
Acervo Pessoal da Autora – Ano: 2022.

Enquanto a profa. Adélia colocava os ingredientes na tigela com a ajuda dos alunos, mostramos para Renata e Salma o que é uma medida de 180 ml, o que é uma colher de chá e uma colher de sopa, qual o aroma da baunilha, o sabor e textura do fermento e da farinha de trigo.

“Sabendo que o conhecimento vai além dos conteúdos atitudinais, pois passam pelos procedimentais: a vivência da receita, exploração de medidas, elaboração de conceitos (registro) texturas, cheiros e sabores e, a partir dos relatos que fazemos, o que gostamos ou não de comer.

Nesta aula, propusemos a ‘Panqueca Americana Doce’ com as crianças protagonizando o preparo e oportunizando discussões sobre a inserção das alunas Salma e Renata nesta atividade, a partir do olhar das outras crianças:

- Minha mãe não me deixa cozinhar;
- Eu ajudo minha mãe;
- Eu sei lavar a louça;
- Minha irmã queimou-se com a panela;
- Que nojo, eu não gosto disso.

Tais relatos, de certa forma, causaram algum impacto na experiência que Salma e Renata poderiam compartilhar. No entanto, a segurança e o desprendimento diante do novo foram cruciais para que se sentissem à vontade.”

Profa. Adélia
Sala Regular



Imagem: ao fundo a Profa .Adélia prepara a massa das panquecas americanas com os alunos, em primeiro plano, a autora faz um self. Acervo Particular da Autora – Ano: 2022.

Elas também participaram, juntamente, com os outros alunos, no preparo das panquecas americanas. Ao final, cada um teve a oportunidade de experimentar aquela guloseima, com exceção da aluna Renata, diabética, que trouxe seu próprio lanche especial, mas nem por isso deixou de participar da aula.

10 SAIBA MAIS

Robert Atkinson, diretor do Braille Institute of America – Califórnia (apud INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, s.d., 2012), produziu um guia de diretrizes sobre como tratar com as pessoas com DV no seu dia a dia: o que deve e o que não se deve fazer quando precisar auxiliar uma pessoa DV. Essas reflexões são alertas para possíveis mudanças de atitudes da sociedade.

Breves noções básicas pertinentes ao ir e vir das pessoas com DV:

1. Não trate a pessoa com DV como um ser diferente, pois ela é como todos.
2. Ao abordá-la, comunique-se com ela dando-lhe um leve toque, para que saiba que você está se dirigindo a ela.

3. Dirija-se a ela sem designá-la por sua deficiência, chamando-a de “cega” ou “ceguinha”, o que seria uma indelicadeza.
4. Não fale ou grite com a pessoa como se fosse surda; o fato de não ver não significa que não ouça bem.
5. Em uma conversa com ela, não evite a palavra “cega” nem substitua “ver” por “ouvir”. Fale naturalmente sem se preocupar com sua deficiência.
6. Se estiver conversando ou conduzindo, avise-a ao se afastar, principalmente se o local for muito barulhento, pois ela poderá continuar falando sozinha.
7. Não deixe de falar de coisas que não estejam adequadas quanto ao vestuário, postura, apresentação pessoal. Faça-o, contudo, com naturalidade para que ela não passe por situações constrangedoras.
8. Ao conduzi-la, não a empurre ou puxe; deixe que ela segure seu braço, pois pelo movimento do corpo do condutor perceberá melhor o caminho a ser percorrido. Nas passagens estreitas, tome a frente e deixe-a segui-lo, segurando em sua mão ou mesmo com a mão em seu ombro.
9. Não carregue a pessoa ao ajudá-la a atravessar a rua, tomar condução, subir ou descer escadas. Basta guiá-la, pôr-lhe a mão no corrimão.
10. Procure andar, sempre que possível, em linha reta ao atravessar praças, avenidas e ruas, para que ela não se desoriente.
11. Não diga apenas “à direita”, “à esquerda”, ao dar orientação a distância. Muitos se enganam ao tomarem como referência a posição de quem caminha em sentido contrário ao seu. Situe a pessoa com base em seu corpo, dizendo-lhe “à sua direita”, “à sua esquerda”.
12. Procure auxiliar a pessoa que pretende atravessar uma rua ou tomar uma condução, ainda que o oferecimento seja recusado ou mal recebido; a maioria lhe agradecerá o gesto.
13. Dirija-se diretamente à pessoa com DV, e não a seu acompanhante; não suponha que ela seja incapaz de compreendê-lo.

14. Quando andar com uma pessoa já acompanhada, não a segure pelo outro braço, nem lhe dê avisos a todo instante. Deixe-a ser orientada somente por quem a estiver conduzindo.

15. Portas semiabertas representam sério risco para sua integridade física. Conserve-as encostadas ou fechadas.

16. Não deixe objetos no caminho por onde uma pessoa cega costuma passar.

17. Ao subir ou descer uma escada, siga à frente da pessoa, deixando que ela segure seu cotovelo ou o próprio corrimão.

18. Ao conduzir a pessoa para uma cadeira, coloque sua mão no encosto. Isso será suficiente para orientá-la.

19. Para tomar um carro, transporte escolar, ônibus, encaminhe a pessoa na direção em que ela entrará, colocando-lhe a mão na parte superior da porta para sua melhor orientação, no caso de ônibus, colocar sua mão no pega-mão e no transporte escolar, colocar sua mão no banco próximo à porta para se orientar. No caso do carro, se a porta estiver fechada, coloque a mão na maçaneta da porta. Isso será suficiente para que ela se oriente para entrar no carro.

20. No interior de coletivos, oriente-a até um lugar vazio.

21. Não deixe de apertar a mão da pessoa ao encontrá-la ou ao se despedir. O aperto de mão substitui, para ela, o sorriso amável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse Produto Educacional, intitulado como “**Caminhos Metodológicos para o Trabalho Pedagógico com Crianças com Deficiência Visual**”, é apresentar propostas de recursos educativos para fornecer conhecimento, estratégias de mediação e práticas pedagógicas, voltados à inclusão escolar de alunos com deficiência visual.

É importante que esse material seja acessível a todos os profissionais da educação, familiares e inclusive àqueles que se interessam e se comprometem com a questão da inclusão. Essa abordagem é essencial, pois cada indivíduo desempenha um papel crucial no apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem desses alunos.

A inclusão dos alunos com DV na escola se reveste de uma grande importância, sendo uma condição decisiva para o desenvolvimento desse aluno enquanto sujeito do processo de ensino-aprendizagem. A educação inclusiva resulta no envolvimento de todos os sujeitos do contexto escolar, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de cada aluno. A prática pedagógica deve incorporar, de forma contínua, a grande diversidade que se encontra em sala de aula, propiciando, assim, oportunidades equitativas de aprendizado.

Para que todo o processo de inclusão seja realizado com excelência e qualidade, faz-se necessário as formações continuadas de todos os profissionais da educação.

Conforme nos diz Codo e Gazzotti (1999, p. 45):

somente partindo da relação afetiva no ambiente escolar e das práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas pelo professor, o aluno com DV consegue construir bons vínculos no contexto educacional, estando aberto para receber novos conhecimentos se sentindo valorizado e, acima de tudo, incluso no processo educacional

A entrada do aluno com DV no contexto educacional não deve ser apenas uma simples inserção desse aluno no meio escolar, mas sim a sua efetiva integração no âmbito educacional de forma mais cordial e interativa, pois a inclusão escolar do aluno com DV deve ter um olhar mais criterioso e atencioso por parte de toda a comunidade escolar.

Os educadores devem adotar métodos e abordagens que considerem não apenas as barreiras físicas, mas também as barreiras atitudinais que podem limitar o potencial de aprendizagem desses alunos.

Ademais, para que a inclusão de alunos DVs seja realmente efetivada, faz-se necessário que as escolas se tornem um ambiente para todos, que possa atender as necessidades específicas de seus alunos, pois, só assim, a educação ganha uma nova estruturação, passando a incluir todos os alunos com ou sem deficiência, promovendo um aprendizado significativo e a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes da diversidade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, P.M. O estudo da geometria. **Revista brasileira para cegos (RBC)**, Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro: 2003. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/index.php?query=paula+marcia+barbosa&Buscar=Buscar&amount=0&blogid=2>> Acesso: 23 nov.2023.

BRUNO, M. M. G. **O desenvolvimento integral do deficiente visual**. São Paulo: Loyola, 1992.

BRUNO, M. M. G. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão**. 4 ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CHASSOT, A. **Para que(m) é útil o ensino?** 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FELIPPE, J. Á. de M. **"Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade."** São Paulo: Laramara (2001).

GALVÃO, A.; LEAL, T. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. **Orientações no relacionamento com pessoas cegas**. [s.d.]. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/conquista/napnee/paginas-links/orientacoes-para-interacao-com-deficientes-visuais-e-auditivos#:~:text=Quando%20se%20relacionar%20com%20pessoas,da%20pessoa%20a%20ser%20guiada>. Acesso: 23 out. 2024.

KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas Teorias**. Froebel e a Concepção de Jogo Infantil. São Paulo: Pioneira, 1998.

LAPLANE, A. L. F.; BATISTA, C. G. Ver, Não Ver e Aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Cadernos CEDES**, v.28, n.75, p.209-227,2008.

LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MACHADO, E. V. et al. **Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual** - Brasília: MEC, SEESP, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ori_mobi.pdf Acesso: 10 jan 2024.

MANTOAN. M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: **III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva Ações Inclusivas de Sucesso**, 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: PUC Minas, 2004

MARUCH, M. A. S.; STEINLE, M. C. B. **Alfabetização e letramento do educando cego ou de baixa visão**: uma reflexão necessária. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2348-6.pdf>>. Acesso: 20 nov. 2024.

MORAIS, A. G. de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 1998.

OCHAÍTA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento em crianças cegas. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PEÇAS, Américo. Uma escola acolhedora, uma educação inclusiva. In: LINHARES, C.; TRINDADE, M. N. (Orgs.). **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de; SILVA, M. B. C. **Deficiência Visual**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

TREVISAN, T. S.; MARTINS, P. L. O. A prática pedagógica do professor de química : possibilidades e limites. **UNirevista**, v. 1, n. abril, p. 1–12, 2006.